

AS ARTES DE (RE)FAZER O MUNDO

Habitar, compor e ordenar a vida em sociedade

ORGANIZADORES:

José Manuel Resende

Bruno Dionísio

Pedro Caetano

João Emílio Alves

António Calha

1 LIVRO 11€

2 LIVROS 16€

AS ARTES DE (RE)FAZER O MUNDO
Habitar, compor e ordenar a vida em sociedade

Publicado por Instituto Politécnico de Portalegre

Portalegre, fevereiro de 2016

FICHA TÉCNICA

- TÍTULO: As artes de (re) fazer o mundo – Habitar, compor e ordenar a vida em sociedade
Coleção C3i – Vol. 7
- EDITOR: Instituto Politécnico de Portalegre
C3i – Coordenação Interdisciplinar para a Investigação e Inovação
- ORGANIZAÇÃO: José Manuel Resende, Bruno Dionísio, Pedro Caetano, João Emílio Alves, António Calha
- PAGINAÇÃO: Gabinete de Relações Públicas e Cooperação
- CAPA: Catarina Matos/Romeu Severim (imagem)
- COORDENAÇÃO GRÁFICA: Gabinete de Relações Públicas e Cooperação
- PROPRIEDADE: Instituto Politécnico de Portalegre
Praça do Município, n.º 11, 7300-110 Portalegre
Telef. 245 301 500
Fax 245 330 353
geral@ipportalegre.pt
- IMPRESSÃO: A2el – Publicidade e Serviços Lda
- TIRAGEM: 300 exemplares
- DEPÓSITO LEGAL: 405142/16
- ISBN: 978-989-8806-08-6
- Portalegre, fevereiro de 2016
- APOIOS: FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, INCT-InEAC – Instituto de Estudos Comparados em Administração Institucional de Conflitos, IPP – Instituto Politécnico de Portalegre, ESE – Escola Superior de Educação, CICS.NOVA – Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais, C3I – Coordenação Interdisciplinar para a Investigação e Inovação

AS ARTES DE (RE)FAZER O MUNDO

Habitar, compor e ordenar a vida em sociedade

CONTRIBUIÇÕES

Alexandre Cotovio Martins, Ana Cristina Cotovio Martins, Bruno Dionísio, Catarina Delaunay, Fábio Reis Mota, João Emílio Alves, João Sedas Nunes, José Colaço Dias Neto, José Manuel Resende, Laura Centemeri, Leonor Sampaio, Paula Cristina Carvalho, Pedro Caetano, Pedro Duarte, Pedro Serrão, Roberto Kant de Lima, Teresa Subtil

ÍNDICE

PREFÁCIO	9
PARTE I - Artes de (re)fazer o território e o ambiente	
La politique attachée au territoire habité : défaire et refaire le « local » dans l’action militante environnementaliste	15
Laura CENTEMERI	
Refazer o território aldeão: as festas comensais e as refeições de festa entre familiares e amigos	33
Teresa SUBTIL	
Pescadores Artesanais da Carrasqueira: Notas preliminares sobre um povoado da costa portuguesa	61
José COLAÇO	
Sobre a territorialização das políticas sociais.	77
O exemplo do Programa <i>Rede Social</i> : entre a municipalização e a configuração de um modelo de governança de base local.	
João Emílio ALVES	
PARTE II – Artes de (re)fazer a solidariedade	
A vulnerabilidade está hoje ao centro da condição humana moderna? Questionamentos sociológicos a propósito das categorias dos seropositivos e dos alunos «inadaptados» ao mundo escolar	97
José Manuel RESENDE	
Da caridade à solidariedade. As controvérsias públicas na construção do espaço comum – Configurações da mobilização política.	125
Pedro DUARTE	
Do nosso mundo (de)feit(uos)o: identidade homossexual e gramáticas morais	141
João SEDAS NUNES	

Pluralismos, diversidades e engajamentos nas políticas de reconhecimento no Brasil e na França. 149

Fábio Reis MOTA

Os consensos e as controvérsias da classificação na categorização profissional dos animadores socioculturais 175

Ana Cristina COTOVIO

PARTE III – Artes de (re)fazer a saúde

Do princípio geral à situação particular: os regimes de envolvimento no mundo da saúde e as artes de (re)fazer os dispositivos de PMA 197

Catarina DELAUNAY

Os adolescentes com doença oncológica: A experiência da singularidade e regimes de acção 221

Paula CARVALHO

A doença crónica. O respeito como reforço dos laços de confiança entre médico e paciente 237

Maria Leonor SAMPAIO

Moralidade, sentido de justiça e envolvimento na acção: questionamentos oriundos da análise da prestação de cuidados médicos paliativos 259

Alexandre MARTINS

PARTE IV – Artes de (re)fazer a educação

A Arte de Compor Mundos na República das Letras: uma análise pragmática do «Inquérito à Vida Literária Portuguesa» de Boavida Portugal 281

Pedro SERRÃO

Escola plural no singular: arquitectura de uma agenda de investigação 307

Bruno DIONÍSIO

Cidadania e Alteridade. Como coordenar as diferenças? Subsídios para uma Sociologia do Respeito 317

Pedro CAETANO

Tradição Judiciária Inquisitorial, Desigualdade Jurídica e Contraditório em uma Perspectiva Comparada. 337

Roberto KANT DE LIMA

NOTAS BIOGRÁFICAS 351

PREFÁCIO

Os insondáveis caminhos (in) transitáveis na modernidade e os modos de ordenar os mundos plurais: o intrigante no centro do questionamento sociológico

José Manuel Resende

Dando seguimento a um programa de investigação em curso no Centro de Estudos de Sociologia da Universidade Nova de Lisboa – CesNova – um vasto grupo de investigadores ligados a esta unidade de investigação marcam encontro anual na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Portalegre com o propósito de tornarem público os resultados dos seus trabalhos de investigação em curso. Neste sentido, os Encontros de Portalegre, se por um lado são criados com o propósito de marcar a agenda de investigação em curso, no quadro de um programa destinado a observar, compreender e explicar «*os modos como os actores se (des) ligam uns dos outros, e, por essa via, (des) fazem os laços entre si, através do accionamento de distintos regimes de acção de envolvimento, que se (re) criam através da maneira como se mobilizam à volta de controvérsias públicas, permitindo, por aí, traçar as diversas transitoriedades conjuntivas entre seres capacitantes e seres vulneráveis*», por outro lado, o espaço de discussão e de debate, prolonga-se para além do território físico onde as sessões ocorrem, indo desembocar na praça da cidade, que fica defronte do edifício, local simbólico e marca da nossa vinculação pessoal e colectiva, relativamente à responsabilidade moral e política objectivada na atenção dada às dinâmicas mundos que percorrem todas as arenas públicas do País. Este tem sido o nosso compromisso com o acto cívico de servir os públicos através da nossa actividade científica.

Na verdade, é preciso reafirmar com regularidade que as mulheres e os homens de Ciência têm por obrigação moral fazer sair à rua os seus produtos científicos. Tal postura normativa deve-se ao facto de que a qualidade simbólica atribuída à rua é um modo de a representar como o conjunto de itinerários, possíveis e (in) transitáveis, que se encontram em conexão associativa umas com as outras, e que é por intermédio destas redes intercomunicáveis que elas afluem aos espaços públicos, por modos sinuosos, percolando tempos que anunciam promessas, convicções e utopias múltiplas.

Institucionalizados ou não, o mergulho nos espaços públicos torna possível, que a experiência ali alimentada e consumida, contribua não só para intensificar,

quer a experiência imediata, habitual, quer a experiência intermitentemente reflexiva, que são constitutivas da nossa vida pessoal e profissional, como não deixam de concorrer para a irrigação da nossa imaginação sociológica de modo a que possamos (re) enquadrar novos problemas e novos modos de os questionar. A intensidade e densidade das questões intrigantes que se retiram das controvérsias que compõem os enredos dos nossos mundos públicos, levam-nos a apostar na opção reflectida de seguir de perto tudo aquilo de que os actores são ou não são capazes de fazer, de desfazer e de refazer, no quadro extenso dos laços e das interacções que rearranjam em permanência, uns com os outros.

E não é possível esse questionamento sem a centralidade das relações entre cada um e um *outro*, presente e ausente, conhecido e desconhecido, próximo e afastado. Por intermédio destes exercícios investidos em formas diferenciadas, e que se reconfiguram na pluralidade de eixos actantes, é possível observar, quer as marcas salientes, quer os sinais minuciosos, patentes, muitas vezes, nas suas minudências, que marcam os seus modos de *habitar, compor e ordenar as suas artes de (des) fazer o mundo do local ao global*.

O nosso programa de investigação fixa-se justamente nas artes de compor o que há de comum entre uns e outros, trabalhadas rotineiramente nos mundos plurais pelos actores que temos estado a seguir no nosso trabalho de campo. Partindo de dois eixos por onde incide a investigação trabalhada sob o comando da Sociologia Pragmática, incorrendo sobre os sentidos das actuações práticas, os nossos trabalhos instam em seguir, com o maior cuidado e rigor, o investimento *questionador* dos actores que é construído a partir das *convicções* com que estes nutrem de modo irrigado as suas narrativas sobre as razões dos seus envolvimento (ou não) nas esferas públicas, ou em outros espaços que escapam às lógicas da publicitação. Assim, o *intrigante* que suscita a interrogação e as *persuasões* que impulsionam as movimentações constituem as bases dos eixos actantes dos actores, mas também os suportes da sua suspensão, com periodicidades diversas.

Dos percursos que fazem frequentemente, há encontros e desencontros; há queixas e denúncias; há intrigas e reclamações; há escândalos e omissões; há mobilizações e desmobilizações; há comprometimento com causas públicas, mas também perturbações e irresponsabilidades; há acordos feitos, desfeitos e refeitos; há vinculações e desprendimentos; há estados capacitantes postos à prova, que se transformam ou não em várias vulnerabilidades; há rostos, vozes e corpos expostos e visíveis e outros ignorados, desprezados e invisíveis... E seguindo os seus actos razoáveis, o investigador é impelido a utilizar metodologias e técnicas de observação diversas. Esses materiais colectáveis provêm de fontes documentais, de entrevistas,

de inquéritos por questionário, sem esquecer as análises etnográficas resultantes de mergulhos mais continuados nos campos de investigação.

Assim nos insondáveis caminhos percorridos pelos actores na modernidade, do espaço público aos territórios cunhados por laços de proximidade, é possível observar todas aquelas formas de os seres expressarem os seus envolvimento com os outros, ou ao invés, mostrarem o seu desapego, quer com o outro generalizado, quer com o outro que conta. Mas é justamente o lado intrigante das lições dos factos que compõem aqueles itinerários na modernidade, que nos levam a dar o centro do nosso questionamento às convicções expostas pelos actores quando estes fundam os seus modos actuantes, de compromisso ou de indiferença, fundamentados em retóricas justificativas, ou, pelo contrário fundados em violências transmutadas em gestos de humilhação e de discriminação, que não autorizam a intercomunicação por alegação, a não ser que se retome a razoabilidade das acções que visem o que há de comum entre os seres humanos e não humanos.

É com esses sentidos, que nos propomos dar ênfase às controvérsias como expressão habitual dos obstáculos em compor o mundo comum. A não ser assim as artes de compor as ordenações das grandezas são vistas como decorrendo de actos de naturalização, de modo inaugural, sem serem o resultado de questionamento face às perplexidades que estas causam quando são vertidas, por exemplo, nos dispositivos fabricados pela ordem jurídica, no quadro de jurisdições complexas, de um lado, e, do outro lado, de outros trabalhos de qualificação categorial, que construídos na modernidade, pretendem não só propor uma dada leitura do real, como aspiram, sobretudo, a reduzir ao máximo as ambivalências e as incertezas oriundas das experiências monitorizadas pela circulação dos actores nos mundos sociais.

Contudo, os problemas assinalados pelos actores que se envolvem nas controvérsias públicas, ou que os discutem na esfera familiar, resultam do trabalho realizado pela *expertise*, que ao invés dos propósitos aventados pelas instituições onde elaboram e facultam as suas teses, estas não são afinadas pelo selo da garantia, da certeza e da confiança. Não obstante aquele trabalho ser desenvolvido por cientistas e técnicos especializados, as suas fontes de legitimação já não asseguram, de modo directo e maquinal, o seu reconhecimento por parte dos actores, mesmo daqueles que são desprovidos de recursos qualitativamente superiores, no plano cognitivo. Ora a relativa corrosão das bases de legitimação, acompanhando ou não o declínio das instituições, estão cada vez mais na mira dos seres que povoam os mundos, objectivadas não só no modo como operam criticamente sobre as coisas, mas também no modo como se envolvem em movimentos, organizados, informais, incessantes e transitórios. E é neste sentido que os investimentos em acordos estáveis,

relativos ao estabelecimento de uma composição ordenada das grandezas dos seres, são tarefa complexa, cujas moratórias não podem assentar em períodos curtos, uma vez que o trabalho para o acordo combina sempre uma tensão permanente entre as intercomunicações, as decisões e os processos de reconhecimento da justeza daquelas deliberações.

Os *II Encontros de Portalegre* procuram, assim, discutir algumas destas questões, *nem sempre sintonizadas no mesmo padrão paradigmático*, mas à luz das pesquisas desenvolvidas por investigadores que elegem para os seus objectos de estudo preocupações científicas em torno das diferentes artes de (des) fazer o mundo: da educação, da saúde, da solidariedade e do território e ambiente. Como são geradas e geridas, pública e politicamente, as controvérsias quanto à ordenação do mundo social? Porque se mobilizam os actores – individual e colectivamente – e que gramáticas utilizam para expressar publicamente a sua voz em prol de uma determinada *causa* ou de um determinado *bem público*? Como se opera o trabalho público de reivindicação, reconhecimento, qualificação, categorização e gestão do «bem comum», da «diferença» e da «singularidade»? Como é que este intenso trabalho de (des) fazer o mundo social se traduz nas situações concretas em que os actores se envolvem?

Alicerçados, persevera-se de novo, num programa de investigação sociológica que tem vindo a ser constituído e dinamizado por investigadores do Centro de Estudos de Sociologia da Universidade Nova de Lisboa, os *II Encontros de Portalegre* pretendem alargar e aprofundar o debate iniciado na sua primeira edição, em articulação com a Escola Superior de Educação e Instituto Politécnico de Portalegre, e fomentando a discussão científica através da participação de autores portugueses e estrangeiros. Com a segunda edição, os desafios crescem aceleradamente ao mesmo ritmo que a vontade de expor estes produtos ao olhar crítico dos nossos pares.

É com o objectivo de estar no mundo da ciência com o intuito de contribuir para o seu engrandecimento através da reciprocidade das operações e dos operadores da crítica científica aberta, transparente e fundamentada que damos à luz os resultados de investigações em curso. Uns textos são ainda *trabalho em progresso*, outros decorrem de projectos de investigação em curso ou já concluídos; há outros ainda que intentam alimentar outros projectos que até agora não saíram do laboratório das ideias e das conjecturas informadas.

Este é o nosso espírito. Que a leitura destes artigos vos proporcione o impulso do comentário, eis o desejo, mais uma vez reafirmado, de quem está disposto a participar nesse movimento crítico de modo a estar mais apetrechado para melhorar o seu trabalho empenhado.

A arte de (re)fazer o mundo deriva do difícil trabalho que é hoje habitar e ordenar a vida em sociedade. A qualificação dos problemas e das situações sociais é uma tarefa delicada em sociedades plurais, informadas e críticas, mais sensíveis à ordenação dos bens comuns, ao tratamento nas relações institucionais e interpessoais e à forma como são administrados os problemas gerais e particulares. Se fazer, desfazer e refazer o social implica uma arte ela resulta, desde logo, da dificuldade em compor um mundo comum no plural. A confeção do comum torna-se também mais ou menos precária consoante a (in)visibilidade dos atores no espaço público e consoante os recursos, capacidades e provas que convocam para desfazer um mundo e refazê-lo de outra maneira.

Este livro resulta da interlocução proporcionada pelos II Encontros de Portalegre, reunindo textos de investigadores com preocupações científicas comuns em torno das diferentes artes de (re)fazer os mundos da educação, da saúde, da solidariedade e do território e ambiente.

CONTRIBUIÇÕES:

Alexandre Cotovio Martins, Ana Cristina Cotovio Martins, Bruno Dionísio, Catarina Delaunay, Fábio Reis Mota, João Emílio Alves, João Sedas Nunes, José Colaço Dias Neto, José Manuel Resende, Laura Centemer, Leonor Sampaio, Paula Cristina Carvalho, Pedro Caetano, Pedro Duarte, Pedro Serrão, Roberto Kant de Lima, Teresa Subtil.